



MASSIMO FAGGIOLI

A finalidade deste livro é mostrar que o Vaticano II foi um evento paradigmático da nova era na história da Igreja Católica: não apenas para o que aconteceu no Vaticano II, mas também para o que aconteceu depois do Vaticano II.

Faggioli apresenta um estudo cuidadosamente pesquisado e habilmente argumentado que situa tanto esse Concílio extraordinariamente importante como suas múltiplas narrativas dentro de um contexto que inclui América, Europa e o mundo em desenvolvimento.



A COMUNICAÇÃO A SERVIÇO DA VIDA

Telemarketing

0800 - 7010081

www.paulinas.org.br

Acesse também "Ciberteologia",
nossa Revista Eletrônica de Teologia & Cultura:
www.ciberteologia.org.br

O êxodo de Abrão e Sarai: antes de gerarem o povo, os pais geram a história do povo

The exodus of Abram and Sarai:
before generating the people,
parents generate the history of the people

*Elizangela Chaves Dias**

Resumo: O presente trabalho, seguindo a abordagem narrativa, analisará Gn 12,10-13,1a e buscará evidenciar a relação entre este texto e a tradição do êxodo. Assim, o ouvinte-leitor é convidado a perceber o quanto as tradições do êxodo estão presentes nas vicissitudes do casal patriarcal Abrão e Sarai.

Palavras-chave: Êxodo, Patriarcas, Pedagogia, Torá.

Abstract: This work, following a narrative approach, analyze and seek to show in Gen. 12,10 -13,1a the relationship between this passage and the tradition of the exodus. Thus, the listener-reader is invited to see how the traditions of the exodus are present in the life of the patriarchal couple Abram and Sarai.

Keywords: Exodus, Patriarchs, Pedagogy, Torah.

* Doutoranda no programa de pós-graduação em Teologia, PUC-Rio. Orientador: Prof. Dr. Leonardo Agostini F.

Introdução

A Torá, “lei, instrução, ensinamento” – conhecida como livro oficial do judaísmo, promulgada, provavelmente, por Esdras por volta do séc. IV a.C.,¹ no processo de reconstrução da identidade judaica em função da futura condição de estado autônomo – compreende os cinco primeiros livros da Bíblia judaico-cristã e são os únicos livros da Bíblia dos Samaritanos. O êxodo é evento notável que se destaca.

Por causa da fome em Canaã a família de Jacó se transfere para o Egito (cf. Gn 46 e 47). A princípio, estes descendentes de Abrão foram beneficiados pelo cargo ocupado por José (cf. Gn 45,16-20), filho de Jacó, na estrutura política egípcia. Com a troca de poder, sobe ao trono um Faraó que não conheceu José (cf. Ex 1,8), assim, escraviza os filhos de Israel durante quatrocentos e trinta anos (cf. Ex 12,40-41). Mas YHWH ouviu o clamor do seu povo e não tardou em libertá-lo (cf. Ex 2,23-24).

Este episódio determinante permanece registrado na memória do povo através da festividade de *pessach*, a páscoa judaica, celebração da libertação do cativo egípcio. O ato de lembrar é um imperativo no judaísmo, pois este garante, através da perpetuação da memória, que os acontecimentos fundamentais para a formação do povo sejam atualizados na memória dos filhos.²

¹ Segundo Zenger, a política imperialista persa desenvolvia um sistema equilibrado entre autônoma local das províncias e o poder imperial centralizado, o mesmo vale para a política religiosa: permitindo que os povos subjugados conservassem suas tradições religiosas e seus centros de culto, conectando ao seu sistema de estabilização e controle. Assim, a composição final do Pentateuco, teria sido fruto de um trabalho literário planejado ligado a figura de Esdras, comissário imperial persa e sacerdote judeu, que por volta de 400 a.C. promulgou em Jerusalém um código de leis, aprovado pelos persas, e que constituiu o documento básico da identidade judaica (cf. Esd 7; Ne 8-10). Cf. ZENGER, E. Os livros da Torá/do Pentateuco. In: ZENGER, E. et al. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola. 2003. p. 551-553.

² A memória judaica não se encerra na narrativa, mas ganha sentido e realidade quando, através da repetição ritual, o tempo histórico é perpetuado no tempo atual. Na festividade da páscoa judaica se reproduz a cada ano a experiência da saída do cativo egípcio. A libertação, em cada indivíduo, refaz a sua história como se ele mesmo tivesse saído do Egito. Cf. BOWLING, A. rkz. In: HARRIS, R. L. – ARCHER, G. L. Jr.; WALTKE, B. K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 391-393.

Segundo a tradição bíblica a lembrança da saída do Egito é fundamental para a compreensão do nascimento do povo, pois esta marca o início de Israel como um grupo organizado e regido por suas próprias leis (cf. Ex 20-23). Tais leis tratam de questões sociais que se referem ao pobre, ao estrangeiro, aos órfãos e viúvas, trabalhadores, atitudes de tolerância e benevolência, nos quais a lembrança do cativo é frequentemente mencionada através de um imperativo “*e lembrarás que servo fostes na terra do Egito*” (Dt 5,15).

Os prof. Matthias Grenzer e Leonardo Agostini,³ em suas produções comunicam que o conteúdo encerrado nos livros de Êxodo, Levítico e Números, referem-se a um projeto de libertação da humanidade. Portanto, por trás do conteúdo narrativo e legislativo há um ensinamento: a estada dos hebreus no deserto e sua saída da sociedade opressora é, sobretudo, consequência de uma situação causada por uma elite poderosa. Mas, o povo dos oprimidos, por sua vez, é convidado a “experimentar” YHWH como aquele que, liberta, alimenta, cura, protege, guia, enfim garante o direito ao *Shabat*⁴ (cf. Ex 15,22-1 7,7).

O livro de Deuteronômio recomenda que tais ensinamentos sejam passados de pais para filhos de geração em geração para sempre (cf. Dt 6,20-21). Neste sentido, compreende-se o valor da memória, atualizante dos eventos, para a formação da identidade de Israel, bem como das futuras gerações na fidelidade à tradição dos pais.

Segundo esta pedagogia a geração futura aprende com o exemplo dos pais. Os pais inspiram e ensinam o modo de agir. Sua vida é fundamento e modelo hermenêutico para o povo compreender o presente, bem como, lidar em situações nodais da vida.⁵

Nesta perspectiva Abrão e Sarai, primeiros hebreus (cf. Gn 14,13),⁶ pais de Israel, representam o primeiro modelo segundo o qual os

³ Cf. FERNANDES, L. A.; GRENZER, M. *Êxodo*: 15,22-18,27. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 5-8; GRENZER, M. *O projeto do Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 2007.

⁴ Cf. Ex 20,8-11.

⁵ O exílio foi um novo tempo de escravidão, bem como ser subalterno a Assíria.

⁶ Hebreu corresponde ao vocábulo usado por seus vizinhos para designar “homem além de nossas fronteiras”, um estrangeiro. ‘O termo *ibrî* (hebreu) é um derivativo ético de *’he-ber*, que designa a outra margem de um rio (50,10s), de um vale (1Sm 31,7), de um mar (Jr 25,33), de uma fronteira (Js 33,11). WÉNIN, A. *O homem Bíblico*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 115.

filhos aprendem o culto a YHWH. Segundo a literatura rabínica, eles são verdadeiros arquétipos do povo, porque antes que os fatos fossem vividos pelos filhos, o patriarca e a matriarca já os havia vivenciado. Ao menos, é o que a lógica canônica permite o leitor intuir.

O presente trabalho, através da abordagem narrativa, evidenciará possíveis relações entre Gn 12,10-13,1a e a tradição do êxodo. Deste modo, o ouvinte-leitor é convidado a perceber o quanto as tradições do êxodo estão presentes nas vicissitudes do casal patriarcal Abrão e Sarai.

1. Abraão⁷ e Sarai

Abrão e Sarai são situados, pela leitura canônica dos textos bíblicos, no séc. XIX a.C. Segundo alguns estudiosos Gn 12,10–13,1a pertence à chamada tradição Javista (J),⁸ datada do séc. IX a.C., no entanto há autores que ressaltam a importância das tradições pré-literais procurando esclarecer, que o documento Javista não é uma invenção do autor do séc. IX a.C., mas foi escrita no séc. IX a.C. Deste

⁷ O núcleo histórico das tradições de Abrão é objeto de debates à luz das repercussões arqueológicas. Os documentos de Nuzi, os nomes de pessoa semítico-ocidental de Mari, as relações e os movimentos amoritas entre Canaã e a Mesopotâmia foram utilizados para reconstruir o ambiente histórico cultural de Abraão de Ur da primeira metade do II milênio. Alguns pesquisadores propõem para a época patriarcal duas ondas migratórias, uma amorita e outra aramaica, correspondente ao quadro da expansão amorita por volta de 2000 a.C. O fato de Abraão ser chamado de hebreu (cf. Gn 14,12) é considerado como índice de sua participação aos *Hapiru*. Não obstante as tentativas de situar o patriarca por volta de 2000 a.C., a Bíblia relaciona os patriarcas entre os arameus “Meu pai era um arameu errante” (cf. Dt 26,5; Gn 25,20; 28,5; 31,20.24), as referências a estes povos se dá num documento assírio datado de cerca de 1110 a.C. Sugere-se que existe uma continuidade racial entre os amoritas da época patriarcal e os arameus dos séculos XI e Xa.C. Cf. VOGELS, W. *Abraão e a sua lenda*: Gênesis 12,1-25,11. São Paulo: Loyola, 2000, p. 27-28; CLEMENTS, R.E. ~r’b.a. In: *GLAT*. Vol. I di IX, 1988, p. 112-113.

⁸ Cf. LOUIS SKA, J. *Introdução à leitura do Pentateuco*: chaves para a interpretação dos cinco primeiros livros da Bíblia. São Paulo: Loyola, 2003, p. 111-177; VOGELS, W. *Abraão e a sua lenda*, 2000, p. 21-35; ZENGER, E.; BRAULIK, G. Os livros da Torá/ do Pentateuco. In: ZENGER, E.; BRAULIK, G. – NIEHR, H. (et al.). *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 83-157.

modo, restam dez séculos de distância entre a tradição oral e o documento escrito, o que justificaria certos anacronismos identificados na narrativa.

Outros estudiosos apresentam diferentes possibilidades de datação, há quem diga que a posição de Abrão como ancestral comum a Israel provavelmente se deu no período em que existiam significativos laços entre Judá e Israel, e Judá gozava de uma posição predominante. Estas condições indicam como mais adaptada a época do reino davídico – salomônica.⁹ Por outro lado há quem diga que os escritos definitivos são frutos pós-exílicos,¹⁰ neste sentido o texto chama a atenção para os acontecimentos do período que foram redigidos.

No capítulo 11 do livro do Gênesis é possível conhecer a família e a origem de Abrão e Sarai. Taré teve três filhos: Abrão, Nacor e Arã. Arã morreu deixando um filho, Ló e duas filhas Melca e Jesca. Nacor casou-se com Melca. Abrão casou-se com Sarai, uma mulher estéril. Taré tomou Abrão, Sarai e Ló e partiram de Ur dos caldeus¹¹ e fixaram-se em Harã.

Após tais fatos, Abrão foi chamado por Deus, para tanto ele deveria deixar a casa de seu pai e seguir à terra que Deus lhe mostraria. Deus prometeu-lhe terra, bênção e descendência numerosa. Abrão, Sarai e Ló partiram de Harã e caminharam para Canaã, terra prometida, habitada pelos cananeus (cf. Gn 12,6).

⁹ Cf. CLEMENTS, R.E. ~r’b.a.; In: *GLAT*. Vol. I di IX, 1988, p. 113-114.

¹⁰ Segundo esta posição o exílio do início do séc. VI a.C. minou a fé. O grupo que permaneceu fiel reabriu o coração à esperança de restauração. O sonho se torna possibilidade quando Ciro, o persiano, entra em cena e permite o retorno à pátria (538 a.C.). Neste ponto os círculos de sacerdotes, escribas e mestres, recolheram os documentos que tinham, interrogaram a memória histórica do povo e se confrontaram com as novas reflexões do período exílico, então a fé de Israel em YHWH é reconfirmada, e o povo de Israel retoma a unidade na fé num ancestral comum Abrão e através do Templo. Cf. LOUIS SKA, J. *Introdução à leitura do Pentateuco*, 2003, p. 199-243.

¹¹ O nome da cidade da qual partiram Taré e sua família (Ur dos caldeus) Ur é conhecida e muito antiga, mas o termo “Caldeu” é problemático. Os caldeus só surgem nos textos assírios no século IX a.C. e referir-se a “Ur dos caldeus” pressupõem a ascensão ao poder dos caldeus, ou seja, babilônios, que acontece somente no século VII a.C., provavelmente no início do segundo milênio seria chamada Ur dos Sumérios. A referência a camelos de Gn 12,16, estes são domesticados e utilizados no Oriente próximo por volta de 1200 a.C.; Gn 21,34 diz que ‘Abraão viveu muito tempo na terra dos filisteus’, mas estes povos se instalaram em Canaã somente no 1200 a.C. Cf. VOGELS, W. *Abraão e a sua lenda*, 2000, p. 28.

Obediente a YHWH, Abrão atravessou o país até Siquém, onde construiu um altar a YHWH, dali caminhou até Betél e construiu um altar a YHWH, prosseguiu de acampamento em acampamento até o Negueb. Este gesto de percorrer a terra de norte a sul e construir altares, simboliza a demarcação da terra prometida. Todavia, Abrão permanece sempre um estrangeiro de passagem.¹²

Após percorrer o território e fixar-se ao Sul, Abrão e Sarai passam por uma situação de fome, que os obriga a procurar sobrevivência fora da terra prometida, começando aqui o êxodo dos eleitos, o qual se repetiria na vida de seus descendentes.

2. Análise do texto de Gn 12,1-13,1a

Segue uma leitura da descida de Abrão e Sarai ao Egito compreendendo: tradução e delimitação do texto; análise narrativa e intertextual.

2.1 tradução e delimitação

10a	Aconteceu uma fome na terra,
10b	e desceu Abrão para o Egito,
10c	para imigrar ali,
10d	porque pesada era a fome na terra.
11a	E aconteceu;

¹² Cf. NORTH, R. Abraão. In: BRUCE, M. M.; MICHAEL, D. C. (Org.). *Dicionário da Bíblia vol.1: as pessoas e os lugares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2002s, p. 2-3; VOGELS, W. *Abraão e a sua lenda*, 2000, p. 65.

11b	quando se aproximava
11c	para chegar ao Egito,
11d	disse a Sarai mulher dele:
11e	“Eis que sei,
11f	que és mulher bela de aparência tu.
12a	E acontecerá;
12b	quando virem a ti os egípcios,
12c	dirão, esta é mulher dele.
12d	Matarão a mim
12e	E a ti manterão viva.
13a	Dize, pois, minha irmã tu,
13b	para que se faça o bem para mim por causa de ti,
13c	e viverá minha alma por causa de ti”.
14a	E aconteceu;
14b	após chegar Abrão ao Egito

14c	viram os egípcios a mulher,
14d	porque ela era muito bela.
15a	Viram a ela os oficiais do Faraó,
15b	elogiaram a ela para o Faraó,
15c	levaram a mulher para a casa do Faraó.
16a	E para Abrão foi feito o bem por causa dela,
16b	e teve para ele ovelha e gado e asnos, servos e criadas, jumentas e camelos.
17a	E pesteou o Senhor ao Faraó, pestes grandes e a casa dele; por causa de Sarai mulher de Abrão.
18a	E chamou o Faraó a Abrão
18b	e disse:
18c	Por que isso fizeste para mim?
18d	Por que não esclareceste para mim?
18e	Que mulher tua é ela!
19a	Por que disseste minha irmã é ela?
19b	Tomei-a para mim por mulher.

19c	E agora! Eis, tua mulher!
19d	Toma!
19e	E vai-te!
20a	E ordenou, sobre ele, o Faraó, homens,
20b	e despacharam a ele e a mulher dele e a tudo o que era dele.
13,1a	Subiu Abrão do Egito, ele e a mulher dele e tudo o que era dele.

O sinal macrossintático, *yhiy>w:*, traduzido em português como “*aconteceu*”, delimita o início da narrativa, sem necessariamente interromper o que lhe antecede. No entanto, tem-se mudanças de local, de situação, de personagens e de conteúdo. A narrativa está bem composta (tem começo, meio e fim) e demarcada com uma descida e uma subida (cf. 12,10b e 13,1a), estas se encontram dentro de outra delimitação externa Negueb (12,9) – Negueb (13,1b). A presença de Lot cria unidade com o contexto anterior e dá continuidade ao contexto posterior.

3. Análise narrativa aplicada à Bíblia¹³

Neste tipo de análise, pergunta-se: como o texto comunica sua mensagem ao ouvinte-leitor? Quais as estratégias usadas?. Portanto, o estudo recai sobre a “*composição*” que permite a mensagem¹⁴ atingir

¹³ Cf. MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y. *Para ler as narrativas Bíblicas*: iniciação à análise narrativa. São Paulo: Loyola, 2009, pp.13-21; LOUIS SKA, J. Sincronia: a análise narrativa. In: SIMIAN YOFRE, H. (coord.). *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2000, p.123-125; SONNET, J.P. L'analisi narrativa dei racconti biblici. In: BAUKS, M.; NIHAN, C. *Manuale di esegesi dell'Antico Testamento*. Bologna: EDB, 2010, p. 46-47.

¹⁴ Todo texto se manifesta como um evento comunicativo, possuidor de uma mensagem ao seu ouvinte-leitor. Cf. MAINGUENEAU, D. *Elementos de linguística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 6.

o efeito buscado pelo emissor¹⁵ no receptor, fazendo-o cooperar ao decifrar seu sentido.¹⁶

Este tipo de abordagem no âmbito da exegese bíblica tem uma história recente, pode ser associada à obra de Robert Alter,¹⁷ *A arte da narrativa bíblica*, publicada em 1981, em Nova York. Alter não foi o primeiro a se perguntar como a Bíblia conta suas histórias, mas seu estudo foi o primeiro a analisar sistematicamente as características da narração bíblica.

Um ano depois, as mesmas características marcam a publicação de David Rhoads e Donald Michie, *Marcos como história*, primeiro livro que avalia, sob ótica narrativa, um livro bíblico em seu conjunto. Esta obra surge do convite de Rhoads a Michie, professor de literatura inglesa, de intervir no seu curso sobre a Bíblia, para levar os estudantes a ler o Evangelho Segundo Marcos, como se lê um romance.

A partir de então, tem crescido a aproximação do texto bíblico não somente como um livro sagrado, mas também como uma obra literária composta artisticamente e conservada ao longo de milênios. Assim, os exegetas têm buscado estudar os textos bíblicos a partir de uma abordagem literária, seja ela narrativa, retórica ou poética. É nesta linha que se imposta o presente estudo.

Para configurar uma narrativa é necessário que haja:

- I. Um *narrador*, voz que conta a história;
- II. Uma *sucessão temporal* de ações/fatos;
- III. A presença de um agente-herói animado por uma intenção que leva a narrativa ao seu fim. Bem como outros *personagens*.
- IV. Um *enredo* que sobrepuje a cadeia das peripécias¹⁸ e as integre na unidade de uma mesma ação.

¹⁵ Partimos aqui do conceito de “mundo do texto” de Paul Ricoeur, para o qual a função da narrativa é de construir um mundo em que o leitor pode habitar. Onde o leitor, no instante de uma narrativa, vai viver com as personagens desse mundo, alegrar-se, sofrer e temer por elas.

¹⁶ Cf. Pontifícia Comissão Bíblica. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 52-53.

¹⁷ Cf. ALTER, R. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

¹⁸ Peripécia é o termo cunhado por Aristóteles na *Poética* para designar os acontecimentos que compõem a trama narrativa ou a tessitura do texto. Nos épicos e nas tragédias gregas, as peripécias apontam os fatos pelos quais os heróis passam ou a eles são submetidos.

- V. E um *espaço* ou *lugar* onde os fatos acontecem ou podem ser situados.

3.1 O enredo¹⁹

O esquema seguido hoje pela maioria dos estudiosos se deve a Pe. Larivaille,²⁰ 1974. Segundo sua perspectiva, uma narrativa se define pela presença de duas colunas narrativas, *situação inicial* e situação final, entre estas se estabelece uma relação de transformação, a qual faz o sujeito passar de um estado para o outro. Todavia, esta passagem deve ser desencadeada (nó, intriga) e resolvida (desenlace, desfecho). De tal exame nasceu o esquema quinário, fundamentando o enredo em cinco etapas. Situemo-lo no texto proposto:

TEXTO Gênesis	Estilística (concêntrica)	Esquema quinário	Cenas
12,10-11d	NARRADOR	INTRODUÇÃO	Fome na terra e descida ao Egito
12,11e13e	ABRÃO	COMPLICAÇÃO	Sarai mulher de bela aparência
12,14-18b	NARRADOR	CLÍMAX	Intervenção do SENHOR por causa de Sarai
12,18c-19	FARAÓ	DESFECHO	Sarai irmã e esposa de Abrão
12,20-13,1a	NARRADOR	CONCLUSÃO	Expulsão e subida do Egito

¹⁹ Cf. MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y. *Para ler as narrativas Bíblicas*, 2009, p.55-74; LOUIS SKA, J. Sincronia: a análise narrativa, 2000, p. 135-140; SONNET, J. P. *L'analisi narrativa dei racconti biblici*, 2010, p. 55-58; GANCHO, C. V. *Como analisar narrativas*. São Paulo: editora Ática, 2009, p. 12-17.

²⁰ LARIVALILLE, P. L'analyse (mopho)logique du récit. *Poétique*, n. 19, 1974, p. 368-388.

Desde então, este passou a ser o modelo canônico, pelo qual se pode medir qualquer enredo. A arte da narrativa consiste em inovar a elaboração do enredo, todavia há elementos que são indispensáveis como o nó e a ação transformadora.

3.2 Análise narrativa²¹ Gn 12,10-13,1

A abordagem narrativa parte do pressuposto de que o texto sagrado faz parte de um todo coerente. O estudo busca elucidar suas estruturas, respeitando as composições linguísticas e estilísticas, a fim de desvendar a direção que toma a narrativa.

3.2.1 Introdução: vv. 10-11d

Na introdução o narrador apresenta os fatos, as personagens, o tempo e o espaço. O narrador onisciente sabe dos eventos, por isso, os narra a fim de situar o ouvinte-leitor diante da história que confrontará. Segue a primeira informação *aconteceu uma fome na terra* v.10a, portanto, trata-se de um ambiente hostil a sobrevivência. Os elementos expostos; fome, terra, imigração, Egito, Abrão; criam uma tensão que gera suspense e curiosidade sobre o porvir.

O tempo apresentado é sumário,²² o narrador não se demora em detalhes,²³ nada diz a respeito do ano em que aconteceu, desde quando, o que fizeram outras pessoas, mas volta o seu foco para a primeira personagem apresentada, Abrão. Este foi obrigado a descer para o Egito e morar ali como estrangeiro, porque a fome é qualificada como pesada.

²¹ Cf. MARGUERAT, D. – BOURQUIN, Y. *Para ler as narrativas Bíblicas*, 2009, p.28-29; GANCHO, C. V. *Como analisar narrativas*, 2009, pp. 6-10.

²² Segundo a rapidez e duração do relato os críticos distinguem dois tipos tempo: a “cena” e o “sumário” No sumário o tempo relatante é mais breve que o tempo relatado. Cf. LOUIS SKA, J. *Sincronia: a análise narrativa*, 2000, p. 134-135.

²³ A narrativa ao construir um mundo que inclui uma pluralidade de acontecimentos e de personagens não pode dizer tudo sobre esse mundo. Refere-se a ele e pede ao leitor que preencha uma série de lacunas, afinal o texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho. Cf. ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 9.

Segundo Hartley,²⁴ o verbo “descer” inclui o sentido de abandonar o lugar de prestígio, logo, *descer ao Egito* significa submeter-se ao julgo de um povo que não conhece o Deus único. Essa é uma verdadeira descida, deixar a terra que o Senhor prometeu, para descer a uma terra “pagã” a fim de receber desses o sustento para a vida.

A fome é um motivo recorrente no A.T. entre as causas que levava uma família ou um clã a sair de sua terra: Elimelec parte com a família para Moab como refugiado (cf. Rt 1,1); outra carestia induz Elias a se alojar na casa da viúva de Sarepta (cf. Jr 17,20); Eliseu manda a Sunamita e a sua família para região mais fértil, para fugir da carestia (cf. 2Rs 8,1). A carestia também levou Isaac a buscar refúgio como estrangeiro junto a Abimelec em Gerara (cf. Gn 26,3); a estadia de Israel no Egito é devido ao fato de uma carestia ter expulsado os irmãos de José daquele lugar (cf. Gn 47,4).

Em tempos remotos, o Egito era o celeiro do Antigo Oriente Médio.²⁵ Mas a partir da época Mosaica, em geral, a Bíblia coloca a terra do Egito numa posição negativa. Suas riquezas, oriundas do Nilo e sua civilização são vistas, nas tradições bíblicas, como uma tentação constante (cf. Gn 26,1-6; 46,1-4; Nm 11,4-5). É o Faraó quem oprime o povo de Deus, negando-se a dar liberdade a Israel.²⁶

A condição de Israel como imigrante²⁷ no Egito (cf. Ex 22,20; 23,9; Dt 23,8; 26,5; Is 52,4; Sl 105,23) o leva a estender o mandamento de

²⁴ Cf. HARTLEY, J.E. dr”y”. In: *DITAT*, 1998, p. 657-658.

²⁵ Cf. PLUMLEY, J. M. Egito. In: METZGER, B. M. – COOGAN, M. D. (Orgs.). *Dicionário da Bíblia Vol.1* as pessoas e os lugares. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2002, p. 66-69.

²⁶ Duas passagens do AT chamam a atenção com referência a este país, Josias, o piedoso rei de Judá, morre porque não deu ouvidos à Palavra de Deus por boca do Faraó (cf. 2Cr 35,20ss). Na segunda, Isaías (cf. Is 19,16ss) antevê a conversão do Egito e da Assíria ao Senhor. Cf. HAMILTON, V. P. ~y>r:’c.mi. In: *DITAT*, 1998, p. 870-871.

²⁷ No AT é possível distinguir três categorias de migrantes *Nekar* (rk’nE) ou estrangeiro de passagem, desconhecido, forasteiro, intruso (cf. Gn 17,12; Ex 12,43; Lv 22,25); *Zar* (rz”) (cf. Jr 30,8; 51,51; Ez 7,21) estrangeiro étnico e político, inimigo (tzar) grupos confinantes com Israel: assírios, babilônios; *ger, gerim ou gur* (rgEâ) imigrante residente inserido no tecido social, não pertence ao povo por sangue, mas reside estavelmente. Cf. INOCENZZO, C. Stranieri ed emigrati-residenti in una sintesi di teologia bíblica. In: *Rivista Biblica* (1992) 2, p. 129-181; P., Bovatti. Lo straniero nella Bibbia. In: *Rivista del Clero Italiano* (2002) 7/8, p. 408-502.

amar o próximo (cf. Lv 19,18): “O imigrante ²⁸ residente entre vós será para vós como o nativo. E deves amá-lo como a ti mesmo, porque fostes imigrantes no país do Egito. Eu sou YHWH, vosso Deus” (Lv 19,34).

No v. 11a continua a voz do narrador, mas percebe-se uma mudança temporal marcada pela fórmula expletiva “e aconteceu” e pela posição em que se encontra a personagem com relação ao destino. Antes estava descendo (cf. v. 10b), agora está se aproximando para chegar (cf. v. 11b-11c), tal mudança gera certa expectativa e prende a atenção a respeito do que pode vir a acontecer.

3.2.2 Complicação: vv. 11e-13c

Na complicação age uma série de forças auxiliares e opositoras ao desejo da personagem, o que intensificam os conflitos. Segundo Gancho,²⁹ “não basta perceber que toda história tem começo, meio e fim. É necessário compreender o elemento estruturador das partes: *o conflito*”.

Nota-se a passagem do discurso indireto para o discurso direto por meio do verbo “dizer” que aparece como um divisor de águas (cf. v.11d), introduzindo a fala da personagem Abrão (vv. 11e-13e), na qual os conflitos³⁰ são evidenciados.

O primeiro conflito aparece: a necessidade de entrar no Egito versus a beleza de Sarai. Até o momento Abrão não havia dito nada à sua esposa, mas quando começa a falar dirige-se a ela com um elogio cheio de tensão e expectativa (cf. v. 11ef). Que relevância tem a beleza diante de uma situação de fuga da fome, ou de busca de sobrevivência em terra estrangeira?

O discurso de Abrão se desdobra gradativamente e apresenta uma cadeia de conflitos até chegar ao seu clímax entre a vida e a morte. O que gera expectativa quanto ao desfecho destes conflitos que envolvem Abrão e Sarai.

A morte os rodeia. Se permanecer na terra pode morrer de fome e se emigrar corre o risco de morrer nas mãos do Faraó. Abrão teme “matarão a mim” (cf. v. 12d). Seu temor faz pensar na ordem do Faraó às parteiras, quando os hebreus estavam no Egito: “se for menino, matai-o. Se for menina, deixai-a viver” (Ex 1,16.22). Abrão se preocupa com a própria vida, mas coloca em risco a vida de Sarai.³¹

A alternância entre a terceira pessoa do plural masculino, a primeira do singular e a segunda do singular feminino revelam a tensão narrativa. O uso dos verbos na terceira pessoa do plural masculino (cf. v. 12) mostra o quanto a personagem se sente ameaçada.

O uso do sufixo na primeira pessoa do singular junto à preposição “o bem para mim” leva o ouvinte-leitor a interpretar a intenção do patriarca em relação à sua autopreservação em detrimento do tu feminino. A presença feminina (cf. V. 13), ressaltada através da forma sufixal presente no texto hebraico, demonstra outro foco de tensão e aponta, com ênfase, a pretensão de Abrão com relação à sua esposa, transferindo a ela a responsabilidade pela sua vida ou morte.

Tais questões geradoras de conflitos agem de tal modo que a verossimilhança³² dos fatos desperta a curiosidade sob uma causa e esta vai desencadeando consequências que envolvem o ouvinte-leitor e o convida a prosseguir o caminho junto às personagens.

3.2.3 Clímax vv. 14a-18b

O *clímax*³³ é o momento caracterizado por significativas tensões, tais como mudança de tempo, de foco e presença de novas personagens: os egípcios, os oficiais do faraó, o Faraó e o Senhor. Aqui o narrador retoma a voz e conduz a narrativa dando como indicador de mudança os termos “aconteceu” e “após chegar”. Ele fala em terceira pessoa. Descrevendo os fatos da trama, em alguns momentos oferece detalhes v.16, em outros os omite.

²⁸ Cf. KELLERMANN, D. rwg. In: *GLAT*. Vol. I di IX, 1988, p. 2007-2024; WILLIS, T. M. rwg. In: METZGER, B. M. – COOGAN, M. D. (Orgs.). *Dicionário da Bíblia Vol.1*, 2002, p. 94; STIGERS, H. G. rwg. In: *DITAT*, 1998, p. 255-256.

²⁹ GANCHO, C. V. *Como analisar narrativas*, 20069, p. 12-13.

³⁰ Cf. GANCHO, C. V. *Como analisar narrativas*, 20069, p. 13.

³¹ CHOURAQUI, A. *A Bíblia*, 1995, p. 135.

³² Cf. GANCHO, C. V. *Como analisar narrativas*, 2006, p. 12; LOUIS SKA, J. *A Palavra de Deus nas narrativas dos homens*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 53-54.

³³ Cf. MOISÉS, M. Clímax. In: *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 200412, p. 78.

O narrador ³⁴a primeira vista parece neutro, pois diretamente não aponta quem está certo ou errado, quem é bom ou quem é mau, parece não tomar partido. Todavia faz uso de técnicas linguísticas, tais como a repetição, o paralelismo e assonâncias, o que produz no ouvinte-leitor determinada expectativa, bem como, juízo quanto à ação das personagens visadas.³⁵

O tempo da narrativa ganha um ritmo acelerado, a narrativa salta de uma ação a outra, até o momento determinante.³⁶ O que Abrão havia previsto acontece³⁷ (cf. vv. 12 e 14-16). Os egípcios veem a beleza de Sarai (cf. v. 14), e não só eles, mas também os oficiais do Faraó a veem e se entusiasmam a ponto de louvá-la diante do Faraó, que a toma em sua casa (cf. v. 15).

O verbo usado para dizer que Sarai “foi levada” é o verbo *xql*³⁸ que significa tomar, apanhar, ter relações sexuais. O narrador não diz se o Faraó chegou a ter qualquer tipo de relação com Sarai. Contudo, parece que Abrão foi bem recompensado, por causa de Sarai ele teve muitos bens (cf. v. 16).³⁹

No Egito dos faraós,⁴⁰ a forma de governo era essencialmente teocrática. O Faraó era tido como um deus,⁴¹ “o bom deus”, a encarnação

³⁴ Cf. GANCHO, C. V. *Como analisar narrativas*, 2006, p. 30-33.

³⁵ Cf. MOISÉS, M. *A análise literária*, São Paulo: Cultrix, 2003, p. 114.

³⁶ Cf. ALTER, R. *A arte da narrativa bíblica*, 2007, p. 120.

³⁷ Cf. VON RAD, G. *El libro del Génesis*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1982, p. 204.

³⁸ Este verbo *xql* é empregado para diferentes procedimentos relacionados ao casamento, no sentido de ‘tomar uma mulher’. Como exemplo Gn 16,3 diz que: “[...] sua mulher Sarai, tomou (xQ:iTiw:) Agar, a egípcia, sua serva, e deu-a como mulher a seu marido, Abrão”. Outro exemplo se encontra em Gn 30,9: “Lia, vendo que tinha deixado de ter filhos, tomou (xQ:iTiw:) sua serva Zelfa e deu por mulher a Jacó”; e em 2Sm 12,10: “tomaste (xQ:iTiw:) a mulher de Urias, o heteu, para que ela se tornasse sua mulher”.

³⁹ Cf. VOGELS, W. *Abraão e a sua lenda*, 2000, p. 72.

⁴⁰ 3100 a.C à 30 d.C. Cf. MELLA, F. A. A. *O Egito dos Faraós: história, civilização, cultura*. 3. ed. São Paulo: HEMUS, 1998, p. 99-104; AMENTA, A. *Il Faraone*. Uomo, sacerdote, dio. Roma: Salerno editrice, 2006, p. 13-36; HORNUNG, E. O Rei. In: DONADONI, S. (Dir.). *O homem egípcio*. Lisboa: Presença, 1994, p. 237-263; SCHIMDT, W. H. *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 273, 281, 290-291; SEDIGRAF, B. (Coord). *Faraoni*. Firenze: Demetra, 2002, p. 7-26; HAMILTON, V. P. h[r.P.]. In: *DITAT*, 1998, p. 1239.

⁴¹ Cf. BAKOS, M. M. *Fatos e mitos do Antigo Egito*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994, p. 55-56. 62.

de Hórus⁴² triunfante sobre os inimigos. Ele era a máxima autoridade civil e religiosa.

Em linguagem alegórica, o Faraó era comparado ao sol. Sendo assim, seu palácio é o “horizonte”. Quando o Faraó se mostra, “nasce”, quando morre, “se põe”. O palácio do faraó era a morada do rei-deus, mas também sede dos centros administrativos do país.⁴³ O nome “Faraó” deriva do nome de seu palácio que se chamava Phar-o, a “Grande Casa Dupla”. Mais tarde, os hebreus atribuíram-lhe este nome como sendo a referência ao rei do Egito.

Sendo o Faraó um deus poderoso, forte e que traz prosperidade e proteção ao seu povo, o que poderia causar um casal de imigrante, vulnerável à fome em busca de refúgio e proteção?

Em toda a narrativa, as duas personagens Sarai e YHWH não falam sequer uma palavra. Não se sabe o conteúdo que Sarai dirigiu ao Senhor, poderá ter sido uma súplica, um grito, um lamento elevado a YHWH: “[...] gemendo sob o peso da servidão, clamaram; e do fundo da servidão o seu clamor subiu a Deus. E Deus ouviu os seus gemidos; Deus lembrou-se de sua Aliança [...]” (Ex 2,23-24).

O Senhor intervém “por causa de Sarai”.⁴⁴ Esta é a primeira e única vez que o Senhor se manifesta nesta narrativa e também é a única vez que é citado. O Senhor feriu com grandes feridas o Faraó e a sua casa, como mais tarde, lançará pragas sobre outro Faraó por ter abusado de Israel (cf. Ex 7,8-11,10).⁴⁵ As “pragas” ou “feridas”, que atormentam o Faraó e sua casa, parecem convencê-lo de ter cometido um ato proibido.

O uso de artifícios literários, tal como *poliptoto* seguido do advérbio de intensidade, faz o leitor intuir que Deus age com grande poder. Deus protege e a defende Sarai do Faraó, assim como séculos depois

⁴² Cf. BAKOS, M. M. *Fatos e mitos do Antigo Egito*, 1994, p. 54; MELLA, F. A. A. *O Egito dos Faraós*, 1998, p. 99. Esta é uma informação extratextual, pois, as Sagradas Escrituras jamais atribuíram ao Faraó a condição de Deus, ele é sempre chamado por Rei do Egito, nunca por deus do Egito.

⁴³ Cf. PLUMLEY, J. M. Egito. In: METZGER, B. M. – COOGAN, M. D. (Orgs.). *Dicionário da Bíblia Vol.1*, 2002, p. 66-69.

⁴⁴ Cf. VOGELS, W. *Abraão e a sua lenda*, 2000, p. 72-73.

⁴⁵ Cf. VOGELS, W. *Abraão e a sua lenda*, 2000, p. 72.

fará com os filhos e as filhas, dos filhos de Sarai, quando estarão sob a opressão de outro Faraó (cf. Ex 1,8-15).

Segundo Louis Ska,⁴⁶ a narração é convite a não fixar-se na ordem histórica. Esse corresponde à reflexão sobre o poder de YHWH, Senhor de Israel, até mesmo no Egito. O Deus de Israel é o verdadeiro soberano, seu poder e divindade são superiores ao poder e divindade do Faraó, porque de outra ordem.

Segundo Chouraqui⁴⁷ estas são as primeiras “pragas” do Egito, o pré-anúncio da vitória de Israel. O patriarca e a matriarca antes de gerarem um filho, geram a história futura daquele povo (cf. Gn 15,13-15), Israel, que nascerá do filho, Isaac.

3.2.4 Desfecho vv.18c-19

Os vv. 18c-19 apresentam as soluções dos conflitos que apareceram ao longo da narrativa. Neste momento, o discurso do Faraó desvela o que Abrão procurou velar, Sarai é esposa de Abrão.

Ao Faraó parece incabível que seu hóspede tenha sido capaz de tamanha ousadia, por isso, incisivamente o interroga três vezes (cf. vv. 18c, 18d e 19a) Por que? Ele parece sentir-se injustiçado, ao menos é o que transparece na repetição da preposição direcional com o sufixo da primeira pessoa do singular “para mim” (cf. vv. 18c, 18d e 19b). O ouvinte-leitor sabe que foi por medo.

Gunkel⁴⁸ comenta que, o narrador apresenta o Faraó como inocente do adultério, e ainda assim é ferido por Deus. Nas entrelinhas é possível constatar uma ideia de fundo: YHWH é o Deus de Israel e é mais forte do que os deuses todos. Sendo assim, a narrativa se torna um convite a confirmar a experiência de fé no Deus de Israel, o qual nem o Faraó com seus subalternos são capazes de contornar.

3.2.5 Conclusão: vv. 12,20-13,1

Para os filhos de Abrão e Sarai, os descendentes da promessa, essa conclusão não poderia ser melhor. Os pais saíram carregados de

bens, tiveram vantagens, de modo semelhante acontecerá aos hebreus ao saírem do Egito (cf. Ex 12.35-37).

O Faraó tenta vincular os hebreus segurando os seus animais (cf. Ex 10,24), enquanto Moisés pede a libertação completa (cf. Ex 12,32). Com as últimas palavras – e todos os seus pertences – intencionalmente colocados no final do enredo, e repetidos por duas vezes (cf. vv.12,20; 13,1a), o narrador deixa esboçar certo ar de ironia tecendo um elogio à vivacidade e esperteza do patriarca.

Segundo Elena Bartolini,⁴⁹ a tradição rabínica fixou no *Talmud*⁵⁰ a convenção de que o povo de Israel “foi liberado do Egito por mérito das mulheres”. De fato, Sarai foi motivo de libertação para Abrão. Por ela a promessa foi assegurada. Comentários da tradição judaica ao livro do Gênesis⁵¹ afirmam que foi pelos méritos de Sarai que Abrão recebeu a bênção Divina de riqueza.

Segundo a versão do Êxodo como expulsão (cf. Ex. 11,1; 12,31-32; 4,21; 6,1), tal ocorrido ajudou àquela massa de peregrinos a se formar e compreender-se como povo de Deus. Neste sentido, Abrão e Sarai são considerados pais na fé, não só por que foram eles os primeiros a gerarem uma descendência, mas também, por esta experiência fundante e significativa.

⁴⁶ Cf. LOUIS SKA, J. *A Palavra de Deus nas narrativas dos homens*, 2005, p. 56-57.

⁴⁷ CHOURAQUI, A. *A Bíblia: no princípio* (Gênesis). Rio de Janeiro: Imago Ed.,1995, p. 138.

⁴⁸ Cf. GUNKEL, H. . *Genesis*. Macon, Ga: Mercer University Press, 1997, p. 171.

⁴⁹ Cf. BARTOLINI, E. L. Il ruolo della donna nell'ebraismo. In: *Le donne nelle culture del mediterraneo: Religione, politica, libertà di pensiero*. Milano: Associazione Culturale Mimesis, 2006, p. 23.

⁵⁰ O Talmud compreende as discussões rabínicas a partir da mishná, ou seja, Torá oral codificada. O Talmud foi fixado por escrito entre o V e VI século da era presente e se encontra em duas versões: palestino e babilônico.

⁵¹ Cf. SEFER BERISHIT1, *O livro de Gênesis*. Com comentários de Rashi, Targum Onkelos, Haftorot e comentários compilados de textos Rabínicos Clássicos e das obras do Rebe de Lubavitch. São Paulo: Maayanot, 2008, p. 74 e 76.

4. Releitura do Êxodo⁵²

Segundo Niditch,⁵³ a constelação dos elementos individuais (Faraó, Egito, pragas, partida precipitada) de Gn 12,10-20 sustenta a hipótese segundo a qual sua composição corresponde ao período sucessivo à formação da tradição do êxodo. A ausência de amargura para com monarcas estrangeiros e, particularmente, a relativa segurança, possibilita deduzir um período em que o Êxodo e a conquista fazem parte do passado integrados num *topos* literário.

O termo releitura pode não ser o mais adequado porque de certa forma remete a uma hipótese de datação do texto, como se o mesmo fosse posterior ao Êxodo. Quanto a isto, não se tem uma certeza matematicamente exata. O que se tem são especulações, deste modo não se tem a pretensão de defender uma verdade, mas apresentar um indicativo de intertextualidade⁵⁴ característico nas Sagradas Escrituras.

⁵² Cf. DE HOOP, R. The use of the past to address the present: The wife-sister-incidents (Gen 12,10-20; 20,1-18; 26,1-16). In: WÉNIN, A. (org.). *Studies in the book of Genesis: literature, redaction and history*. Leuven (Belgium): Leuven University Press, 2001, p. 359-369; André Wénin publicou dois estudos sobre Gênesis 12, na qual ele destaca os muitos links que este capítulo tem com o ciclo das origens e, em especial com a história da queda, ou pecado original. Para ele, o Gen 12,10-20 foi concebido como o 'pecado original' de Abraão e Sarai seria uma contra-imagem de Eva. Ele faz um paralelo com relação à missão de Abrão de ser bênção para todos os povos da terra. Todavia nos interessa mais o paralelo que ele faz com o Êxodo. Cf. WÉNIN, A. Abraham: ellection y salvación. Reflexiones exegéticas y teológicas sobre Génesis 12 em seu contexto narrativo. In: *Espíritu y vida* (14) 2005, p. 3-25; WÉNIN, A. Abraham: élection et salut. Réflexions exégétiques et théologiques sur Genèse 12 dans son contexte narratif. In: *Revue Théologique de Louvain* (27), 1996, p. 2-24.

⁵³ Cf. NIDITCH, S. The three wife-sister tales of Genesis. In: *A prelude to biblical folklore*. Urbana: University of Illinois Press, 2000, p. 62.

⁵⁴ Segundo Tereza Akil, o conceito de intertextualidade foi cunhado por volta dos anos 60 pela francesa Kristeva, a qual dizia que um texto é um conjunto de enunciados tomados de outros textos, que se cruzam e se relacionam. Intertextualidade é a presença de um texto em outro, manifestada na estrutura do texto, personagens e suas ações, na trama dos fatos, em referências a objetos, enfim tudo o que estabelece um diálogo entre os textos. Esta pode ser interna ou externa, de modo que há diversos graus de intertextualidade: mínimo, médio e máximo; bem como critérios para medi-la: 1) referência, 2) comunicação; 3) Estrutura; 4) seletividade e 5) diálogo. Para aprofundamento recomenda-se: AKIL DE OLIVEIRA, T. C. do S. A intertextualidade na teoria literária e nos estudos bíblicos. In: *Os Bezerras de Arão e Jeroboão: Uma verificação da relação intertextual entre Ex 32,1-6 e 1Rs 12,26-33*. Tese. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2010, pp. 21-47.

ABRÃO E SARAI	JOSÉ/ISRAEL
12,10 – Aconteceu uma fome na terra	41,54b – Aconteceu uma fome em todos os países
12,11 – Quando ele se aproximava para chegar no Egito	46,28 – Eles chegaram à terra de Gessen
12,11 – Disse a Sarai mulher dele	46,31 – Disse José a seus irmãos
12,11 – Eis que sei	46,31 – Vou subir para advertir o Faraó [...]
12,12-13 – Acontecerá, que verão a ti os egípcios, e dirão [...] dize, pois [...]	46,33-34 – Assim quando o Faraó vos chamar e perguntar [...] vós respondereis [...]
12,13 – Para que se faça o bem para mim por causa de ti	46,34b – Deste modo podereis permanecer na terra de Gessen
12,15 – Viram a ela os oficiais do Faraó e elogiaram a ela para o Faraó	47,1 – Foi, pois, José advertir a Faraó
12,15 – E levaram a mulher para a casa do Faraó	47,7 – Então José introduziu seu pai Jacó e o apresentou ao Faraó
12,16 – E para a Abrão foi feito o bem por causa dela, e teve para ele carneiro, gado e asnos, servos e criadas, jumentas e camelos.	47,5 – Jacó estabeleceu seu pai e seus irmãos e lhes deu uma propriedade na terra do Egito, na melhor região [...] 47,27 – Assim Israel estabeleceu-se na terra do Egito, na região de Gessen. Aí eles adquiriram propriedades, foram fecundos e se tornaram numerosos.

Neste ponto é possível ver a virada que as duas histórias sofrem sendo possível continuar a identificar aspectos comuns que sugere certa tipologia	
12,17 – Feriu YHWH ao Faraó com pestes grandes	Ex 11,1 – Disse YHWH a Moisés: Ainda mais uma <i>praga</i> trarei sobre Faraó e
12,18 – Chamou Faraó a Abrão e disse:	12,31 – E chamou Faraó a Moisés e a Aarão e disse:
12,19 – Tome-a e vai-te	12,32 – Tomem... e vão
12,20 – E despacharam a ele [...]	12,33 – egípcios apertavam com o povo, apressando-se em <i>despachá-los</i> fora da terra,
13,01 – Subiu Abrão do Egito [...]	12,37 – E os filhos de Israel <i>partiram de</i> Ramsés

Em suas características textuais,⁵⁵ Gn 12,10–13,1a apresenta semelhanças com a entrada, permanência e expulsão de Israel no Egito. Pela escolha linguística o narrador parece evocar a lembrança da fome nos dias de José, bem como sua residência subsequente no Egito, que, eventualmente, levará à escravidão dos israelitas.

A frase introdutória (cf. Gn 12,10) prenuncia a fome que levou os irmãos de José a buscar refúgio no Egito (cf. Gn 41,54). Além disso,

⁵⁵ Cf. ROMER, T. C. La typologie exodique em Gn 12,10-20 et 16. In: WÉNIN, A. *Studies in the book of Genesis: literature, redaction and history*. Leuven (Belgium): Leuven University Press, 2001, p. 181-198. No fim do artigo Romer, em outras palavras diz que se as alusões de Gn 12 à tradição do Êxodo, não são meras interpretações de intertextualidades ocasionais, pode-se supor que o autor tinha conhecimento dessas histórias (de uma forma ou de outra). Todavia não se quer dizer, que a saga do êxodo do Egito dos patriarcas tenha sido destinada a servir como prólogo para o Êxodo. Por outro lado não se pode negar certa continuidade, ou similaridade, nem que seja no sentido textual.

a fome nos dias de Abrão era opressiva, a palavra *dbeik'* expressa a intensidade contida nas três repetições que descreve a fome no tempo de José (cf. Gn 43,1; 47,4,13).

Como se daria com seus descendentes, também Abrão e Sarai precisaram migrar devido à fome (Gn 12,10): “Antes que viesse o ano da fome (כָּבֵד)” (Gn 41,50); “e começaram a vir os sete anos de fome [...] havia fome em todos os países” (Gn 41,54); “De toda a terra veio ao Egito para comprar mantimento [...] pois a fome se agravou por toda a terra” (Gn 41,57); “foram os filhos de Israel comprar mantimentos [...] porque a fome assolava a terra de Canaã” (Gn 42,5); “mas a fome assolava a terra [...]” (Gn 43,1).

Sarai foi entregue aos Egípcios pelo seu irmão (cf. Gn 12,11-16), assim como mais tarde também José será entregue por seus irmãos:

Então disse Judá a seus irmãos: De que nos adianta matar nosso irmão [...] vendamo-lo aos ismaelitas [...] é nosso irmão, da mesma carne que nós. E os irmãos o ouviram [...] venderam José aos ismaelitas [...] e estes o conduziram ao Egito [...]. (Gn 37)

Assim como Sarai possuía uma beleza particular “porque ela era muito bela” (cf. v 14d), capaz de chamar a atenção dos egípcios e os desejos de posse do Faraó, também José era “belo de porte e tinha um rosto muito bonito” (Gn 39,6) a ponto despertar desejos na mulher de seu senhor (cf. Gn 39,7-20).

Em meio ao seu sofrimento, como o povo sob o jugo da escravidão, Sarai se dirigiu ao Senhor e foi ouvida. O Senhor veio em seu favor (Ex 2,23-25 e Gn 12,17), e feriu⁵⁶ o Faraó com grandes pragas (cf. Ex 12,29-30; Gn 12,17) libertou a das mãos do Faraó e a devolveu a seu esposo Abrão, assim eles foram expulsos do Egito (cf. Ex 12,31-32; 4,21; 6,1; 11,1; Gn 12,20). A descida ao Egito devido à fome e o retorno

⁵⁶ A intervenção de YHWH contra o Faraó e o Egito permite fazer, através do uso do termo ‘ferir’ (Ign), alusão às pragas do Egito. Todavia a reação do soberano egípcio nesta história é o oposto do que a do Faraó em Ex 12, nesta o faraó deixou-se convencer imediatamente pelas pragas divinas, devolvendo a liberdade a Abrão e a sua esposa. É o próprio Faraó quem provoca o Êxodo de Abrão expulsando-os do Egito (xl;v’, Gn 12,20 e 14,5). Cf. RÖMER, T. C. La typologie exodique em Gn 12,10-20 et 16, 2001, p. 196.

à terra, levando consigo o que possuía, assemelha-se ao que farão os hebreus em sua partida do Egito (cf. Ex 12,35-38).

A raiz usada para dizer que o Senhor feriu o Faraó é a mesma usada em situações semelhantes do Êxodo,⁵⁷ como em Ex 11,1:⁵⁸ “O senhor disse a Moisés: Farei vir mais uma praga ([g:n<]) ainda contra o Faraó e contra o Egito, então ele vos deixará partir daqui[...]”. O Faraó foi castigado com pragas, as quais o fizeram mudar de atitude libertando Sarai e expulsando o casal, assim como outras pragas farão o Faraó mudar de atitude e o levarão a liberar Israel.

Nos pequenos detalhes é possível contemplar a continuidade com a experiência e teologia do êxodo,⁵⁹ etapa de importância fundamental para a formação da identidade do povo e o estabelecimento de relações mais estáveis com YHWH. Diz o pensamento clássico judaico:

A descida de Avraham e Sara ao Egito foi um precursor do exílio Egípcio:

- A fuga de Avraham do Egito como um homem rico abriu os canais espirituais da redenção que possibilitaram a seus filhos saírem do Egito carregados de ouro e prata.
- Da mesma forma, o cuidado extremo de Sara para não ser desonrada pelo Faraó, dotou mais tarde as mulheres judias do Egito, com a força para permanecerem fiéis às suas famílias.⁶⁰

⁵⁷ Cf. JEANSONNE, S. P. *The women of Genesis: from Sarah to Potiphar's wife*. Minneapolis: Augsburg Fortress Publishers, 1990, p. 16.

⁵⁸ A nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém diz que, os últimos versículos do capítulo 10 concluem com a história das nove pragas, que pertencem à tradição do Êxodo-fuga (cf. Ex 7,8+). A história da décima praga que começa aqui apresenta o Êxodo como expulsão. As duas concepções são inconciliáveis se tratar do mesmo grupo. Mas as duas podem ser justificadas em se tratando de grupos diferentes. A tradição do Êxodo-fuga refere-se ao grupo de Moisés, que será perseguido pelos egípcios e será beneficiado pelos milagres do mar. O Êxodo-expulsão refere-se a um grupo semelhante, que teria sido expulso antes (cf. Ex 13,17+).

⁵⁹ Há estudiosos que descreve Gn 12,10-20 como uma antecipação do Êxodo, o que não se enquadra as três narrativas, pois os paralelos não estão no Egito, mas em Gerara terra dos filisteus. Cf. DE HOOP, R. *The Use of the Past to Address the Present: The wife-sister-incidents (Gen 12,10-20; 20,1-18; 26,1-16)*, 2001, p. 367.

⁶⁰ SEFER BERISHIT1. *O livro de Gênesis*, 2008, p. 75. (Cf. Ex 12,35-37)

5. Considerações finais

O Pentateuco, nas narrativas dos antepassados e da saída do Egito, apresenta para Israel uma espécie de espelho de si mesmo, este constitui seu “documento de identidade” literário. Segundo André Wénin,⁶¹ as narrativas “fundadoras” do Pentateuco refletem menos a história antiga do povo de Israel do que a consciência que este povo forjou no exílio e na dura realidade do retorno. Na leitura destas histórias, este povo descobre a própria imagem.

É interessante apreciar a riqueza de detalhes e a beleza deste texto, uma obra moldada, certamente, por mãos de artista. Por trás de um véu que delinea aparente simplicidade é possível ir além e colher verdadeiro tesouro no que diz respeito à autocompreensão de Israel, fruto de uma longa experiência. Nesta experiência todos os elementos, destacados ao longo do percurso, se tornaram parte da identidade e da história de quem se compreende como filho de Abrão e Sarai.

Abrão e Sarai⁶² podem ser prefigurações da história do povo da Aliança. História que começa com um casal, depois uma família, um clã, uma nação. Não é difícil acreditar na possibilidade de o povo reler a sua própria vida à luz da fé a partir da experiência do patriarca e da matriarca. Igualmente hoje também povo em mobilidade pode ter Abrão e Sarai como prefiguração de suas próprias experiências, que na busca por sobrevivência se veem ameaçados pelas grandes potências.

Segundo o Salmista (cf. Sl 39,13) todo homem sob a terra sabe ser, diante de Deus, somente um imigrante residente, como seus pais (cf. Gn 23,4). Neste sentido Abrão e Sarai são os protagonistas da história

⁶¹ A deportação levou os judeus a revisitar suas tradições para nelas encontrar as bases de uma identidade a reconstruir. Na catástrofe de 586, foram perdidas as referências fundamentais que assegurava a identidade do povo: os pais, a dinastia, o templo, o Deus de Israel. A situação do exílio representou ameaça real de desaparecimento. Portanto, era necessário para Judá, buscar os meios de sobrevivência na babilônia, para depois reencontrar suas notas características e retornar para Jerusalém. Sendo, portanto, preeminente salvaguardar a identidade como povo. Cf. WÉNIN, A. *O homem Bíblico*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 115.

⁶² Cf. GRENZER, M. Três visitantes. In: *Revista de Cultura Teológica*. 57 (2006) 14, p. 66. Segundo o prof. Matthias “[...] a história de Abraão e Sara, trabalha com a concepção de que o descendente herdeiro das promessas divinas deve nascer da união deste casal [...] ‘eu a abençoarei e dela te darei um filho’ (Gn 17,16)”.

do povo de Deus. Neles todos são chamados a refletir sobre a própria condição existencial de *homo viator*.

Bibliografia

- AKIL DE OLIVEIRA, T. C. S. A intertextualidade na teoria literária e nos estudos bíblicos. In: *Os Bezerros de Arão e Jeroboão: Uma verificação da relação intertextual entre Ex 32,1-6 e 1Rs 12,26-33*. Tese. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2010, pp. 21-47.
- ALTER, R. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- AMENTA, Al. *Il Faraone*. Uomo, sacerdote, dio. Roma: Salerno editrice, 2006.
- BAKOS, M. M. *Fatos e mitos do Antigo Egito*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- BARTOLINI, E. L. Il ruolo della donna nell'ebraismo. In: *Le donne nelle culture del mediterraneo: Religione, politica, libertà di pensiero*. Milano: Associazione Culturale Mimesis, 2006, p. 23-46
- BARTOLINI, E. L. La bellezza delle matriarche. In: *Parola, Spirito e Vita*. 44 (2001) 2, p. 181-183.
- BOWLING, A. זכר. In: *DITAT*, p. 391-393.
- CHOURAQUI, A. *A Bíblia: no princípio (Gênesis)*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.
- CLEMENTS, R.E. בְּרָא. In: *GLAT*. Vol. I di IX, 1988, p. 112-113.
- CULVER, R. D. aybin". In: *DITAT*, 1998, p. 905-906.
- DE HOOP, R. The use of the past to address the present: The wife-sister-incidents (Gen 12,10-20; 20,1-18; 26,1-16). In: WÉNIN, A. (org.). *Studies in the book of Genesis: literature, redaction and history*. Leuven (Belgium): Leuven University Press, 2001, p. 359-369
- ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FERNANDES, L. A.; GRENZER, M. *Êxodo: 15,22-18,27*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- GABEL, J. B.; WHEELER, C. B. *A Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 20032.
- GANCHO, C. V. *Como analisar narrativas*. São Paulo: editora Ática, 20099.
- GRENZER, M. *O projeto do Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 20072.
- GRENZER, M. Três visitantes. In: *Revista de Cultura Teológica*. 57 (2006) 14, p. 66.
- GUNKEL, H. *Genesis*. Macon, Ga: Mercer University Press, 1997.
- HAMILTON, V. P. #r<a,. In: *DITAT*, 1998, p. 124-25.
- HAMILTON, V. P. ~y>r:'c.mi. In: *DITAT*, 1998, p. 870-871.
- HAMILTON, V. P. h[{r.P;}. In: *DITAT*, 1998, p. 1239.
- HARTLEY, J. E. dr"y". In: *DITAT*, 1998, p. 657-658.
- HORNUNG, E. O Rei. In: DONADONI, Sergio (Dir.). *O homem egípcio*. Lisboa: Presença, 1994.
- INOCENZZO, C. Stranieri ed emigrati-residenti in una sintesi di teologia bíblica. In: *Rivista Biblica* (1992) 2, p. 129-181;
- JEANSONNE, S. P. *The women of Genesis: from Sarah to Potiphar's wife*. Minneapolis: Augsburg Fortress Publishers, 1990.
- KELLERMANN, D. rwg. In: *GLAT*. Vol. I di IX, 1988, p. 2007-2024;
- Larivalille, P. L'analyse (mopho)logique du récit. In: *Poétique*, n. 19, 1974, p. 368-388.
- LOUIS SKA, J. *A Palavra de Deus nas narrativas dos homens*. São Paulo: Loyola, 2005.
- LOUIS SKA, J. *Introdução à leitura do Pentateuco: chaves para a interpretação dos cinco primeiros livros da Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2003.
- LOUIS SKA, J. Sincronia: a análise narrativa. In: SIMIAN YOFRE, Horácio (coord.). *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2000.
- MAINGUENEAU, D. *Elementos de linguística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y. *Para ler as narrativas Bíblicas: iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009.
- MELLA, F. A. A. *O Egito dos Faraós: história, civilização, cultura*. São Paulo: HEMUS, 19983.
- MOISÉS, M. *A análise literária*. São Paulo: Cultrix, 200314.
- MOISÉS, M. Clímax. In: *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 200412.
- MÜLLER, H. P. aybin". In: *GLAT*. Vol. V di IX, 2005, p. 518
- NIDITCH, S. The three wife-sister tales of Genesis. In: *A prelude to biblical folklore*. Urbana: University of Illinois Press, 2000, p. 62.
- NORTH, R. Abraão. In: BRUCE M. M. – MICHAEL, D. C. (Orgs.). *Dicionário da Bíblia vol.1: as pessoas e os lugares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2002s p. 2-3;
- OTTOSSON, K. #r<a,. In: *GLAT*. Vol. I di IX, 1988, p. 860-862.
- BOVATTI, P. Lo straniero nella Bibbia. In: *Rivista del Clero Italiano* (2002) 7/8, p. 408-502.
- PLUMLEY, J. M. Egito. In: METZEGGER, B. M.; COOGAN, M. D. (Org.) *Dicionário da Bíblia Vol.1. as pessoas e os lugares*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2002, p. 66-69.

- Pontifícia Comissão Bíblica. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 20098.
- RÖMER, T. C. La typologie exodique em Gn 12,10-20 et 16. In: WÉNIN, André. *Studies in the book of Genesis: literature, redaction and history*. Leuven (Belgium): Leuven University Press, 2001, p. 181-198.
- SCHIMDT, W. H. *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- SEDIGRAF, B. (Coord). *Faraoni*. Firenze: Demetra, 2002.
- SEFER BERISHIT1. *O livro de Gênesis com comentários de Rashi, Targum Onkelos, Haftorot e comentários compilados de textos Rabínicos Clássicos e das obras do Rebe de Lubavitch*. São Paulo: Maayanot, 2008.
- SONNET, J. P. L'analisi narrativa dei racconti biblici. In: BAUKS, Michel – NIHAN, Cristophone. *Manuale di esegesi dell'Antico Testamento*. Bologna: EDB, 2010.
- STIGERS, H. G. rwg. In: *DITAT*, 1998.
- VOGELS, W. *Abraão e a sua lenda: Gênesis 12,1-25,11*. São Paulo: Loyola, 2000.
- VON RAD, G. *El libro del Génesis*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1982.
- WENÍN, A. Abraham: élection et salut. Réflexions exégétiques et théologiques sur Genèse 12 dans son contexte narratif. In: *Revue Théologique de Louvain* (27), 1996.
- WENÍN, A. Abraham: elcción y salvación. Reflexiones exegéticas y teológicas sobre Génesis 12 em seu contexto narrativo. In: *Espíritu y vida* (14) 2005.
- WÉNIN, A. *O homem Bíblico*. São Paulo: Loyola, 2006.
- WILLIS, T. M. rwg. In: METZEGGER, Bruce M. – COOGAN, Michael D. (Orgs.). *Dicionário da Bíblia Vol.1*, 2002.
- ZENGER, E.; BRAULIK, G. Os livros da Torá/ do Pentateuco. In: ZENGER, E. – BRAULIK, G. – NIEHR, H. (et al.). *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003.
- ZENGER, E. Os livros da Torá/do Pentateuco. In: ZENGER, E. et al. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola. 2003.
- Siglas
- DICIONÁRIO INTERNACIONAL de teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1998à *DITAT*
- GRANDE LESSICO dell'Antico Testamento. X Vol. Paideia: Brescia. à GLAT